O CORPO NO TRABALHO

THE BODY ON WORK

EL CUERPO EN EL TRABAJO

Carlos Herold Junior*

Palavras-chave

Trabalho. Técnicas.
Filosofia.

Resumo: Esta resenha apresenta e analisa a obra *Le corps à l'ouvrage*, de Thierry Pillon. Será mostrado que o livro tem relevância para os estudos sobre o corpo, pois ele evidencia a importância da dimensão corpórea nas situações de trabalho, o que não tem sido muito usual nos estudos culturais sobre o corpo.

Keywords

Work. Techniques.
Philosophy.

Abstract: This review presents and analyzes Thierry Pillon's work *Le corps à l'ouvrage*. It shows that the book is relevant to body studies as it highlights the importance of the bodily dimension in work situations, something that is not very common in cultural studies of the body.

Palabras clave

Trabajo. Técnicas.
Filosofía.

Resumen: Esta revisión presenta y analiza la obra de *Le corps à l'ouvrage*, de Thierry Pillon. Será mostrado que el libro tiene relevancia para los estudios sobre el cuerpo, ya que pone de relieve la importancia de la dimensión corporal en las situaciones de trabajo, algo que no ha sido muy usual en los estudios culturales sobre el cuerpo.

*Universidade Estadual de Maringá,
Maringá, PR, Brasil.
E-mail: carlosherold@hotmail.com

Recebido em: 02-05-2014
Aprovado em: 22-08-2014

Thierry Pillon é professor da Universidade de Evry, localizada no departamento de Essonne, a 40 km de Paris. Pesquisador em sociologia do trabalho, na sequência de outros livros (PILLON, 2000, 2003, 2006, 2007) ele publicou *Le corps à l'ouvrage* (PILLON, 2012). Uma tradução livre do título evidencia que o escopo da obra é pensar o “corpo no trabalho” ou o “corpo trabalhando”¹. A trajetória que levou Pillon à materialização dessa intenção pode ser vista em outros textos publicados pelo autor para além do livro, objeto desta resenha, sobretudo, uma coletânea em torno do tema corpo e técnica (PILLON, 2007b). Na continuidade de seus estudos, há que ser mencionada a reflexão de Pillon sobre a virilidade operária, publicada no volume três da *História da Virilidade*, de Vigarello, Corbin e Courtine (2013).

Le corps à l'ouvrage analisa 53 textos escritos por trabalhadores e trabalhadoras de diferentes setores econômicos, que retrataram e pensaram seu envolvimento laboral em variados aspectos. O período em que foi redigido esse *corpus* engloba o final do século XIX chegando até os anos 2000. Recorte temporal de grande valor, se considerarmos que nele várias configurações produtivas no interior do capitalismo surgiram, sucedendo-se ou se combinando.

O livro é composto por seis capítulos, nos quais Pillon amarra as “comunicações secretas entre esses textos” (p. 12). O título de cada um dos capítulos sinaliza o parâmetro com o qual o corpo trabalhador é focalizado: 1) Ambientes de trabalho, 2) Gestos, 3) Olhares, 4) Intimidade, 5) Desgastes e 6) Sonhos. Com eles, o autor quer construir uma “fenomenologia da atividade” (p. 10), dissecando testemunhos distanciados entre si no tempo, para buscar a “experiência do trabalho” sob o prisma corporal. Interessante observar que, na análise dessas memórias, é observado que o “corpo é, raramente, o tema central dessas narrativas” (p. 14). É aí que o analista e suas opções metodológicas se apresentam, constatando que, “entretanto, ele nunca está ausente” (p. 14):

Ele (o corpo) aparece no rodeio de uma frase, sob a forma de uma pequena menção, de uma confidência e revela as diferentes maneiras de ser afetado pelas máquinas, ambientes e materiais trabalhados. Através de descrições, mesmo breves, do gesto, da sensação, da postura, revela-se a profundidade da experiência sensível. (p. 14)

Mesmo que essa presença não seja unívoca e/ou ubíqua, é ela que permite a Pillon querer acessar o “mais íntimo das sensações” (p. 15). Foi o encadeamento de relatos diversos sobre os temas acima que deu origem aos capítulos, embora seja advertido que a disposição das análises não teve o objetivo de buscar a “coerência interna” (p. 14) daquelas vozes. De fato, ela inexistente na “riqueza documental” (p. 14) que sustenta o livro. Coerentemente, então, com o objetivo da obra e sua base empírica, é a captação da polissemia e da polifonia que caracteriza o estudo. Afinal, conforme Pillon sublinha em vários momentos, os documentos por ele utilizados, ou a “palavra operária” (p. 183), fazem ouvir a voz que fala a “experiência de trabalho”, assumida, desse modo, em sua “espessura”, em sua “materialidade física” (p. 185).

No capítulo Ambientes de trabalho (Milieux) são apresentadas as impressões mais marcantes dos trabalhadores em relação ao espaço em que laboram. Lemos passagens muito interessantes sobre a entrada dos operários em seus lugares de trabalho, sobretudo, as primeiras vezes em que isso ocorre. Assim como em outros capítulos, os trabalhadores das minas são aqueles que merecem mais atenção, pois a primeira descida gera lembranças relativas à velocidade, à mudança de temperatura, ao medo e à escuridão (p. 18). O calor (p. 30) e o

¹ A tradução do título e das demais citações em língua francesa que aparecem nesta resenha foram feitas livremente.

barulho das máquinas (p. 31) fazem com que o lugar de trabalho proporcione um “sentimento de captura comum” (p. 23), responsável por “hábitos perceptivos e [...] estilos de conduta persistentes, mesmo longe do trabalho”(p. 17) por estarem “ancorados no corpo”(p. 17).

Os *gestos*, objeto do segundo capítulo, revelam, ao mesmo tempo, as facetas mais ricas e escondidas do trabalho. Eles são considerados produtos que mascaram a “lenta aprendizagem” (p. 45), bem como a “margem da parte intuitiva do conhecimento das coisas, das matérias, das ferramentas engajadas no seu sucesso” (p. 45). Pillon divide as reflexões dessa parte atendo-se às “posturas” (p. 45), aos “estilos” (p. 52), à “atenção” (p. 55) e à “velocidade” (p. 64). Evidencia-se que os gestos, mesmo os mais simples e repetitivos, são aprendidos por uma imposição que toca o “corpo inteiro” (p. 59). Nessa aprendizagem, a cadência maquinal, que é “inabitável ao homem” (p. 65), igualmente dá azo a uma estranha, porém prazerosa “harmonia entre a vida mecânica e animal” (p. 66).

O corpo como um canal de acesso aos colegas de trabalho é o mote do capítulo Olhares (Regards). Lemos que “entre o reconhecimento e a humilhação, o espetáculo do corpo contém as problemáticas da integração”. A importância do corpo na criação das relações entre os trabalhadores manifesta-se no uso dos apelidos (p. 69) que “reduzem o corpo ao que ele distingue”(p. 71), mas também torna o ambiente mais ameno por “deslocar a agressividade para o terreno da piada” (p. 74). Os ritos de iniciação (p. 74), que podem acontecer tanto em eventos específicos como no cotidiano do trabalho, também têm presença importante nos relatos. Eles evidenciam que a violência e a humilhação (p. 80) dirigidas aos novatos fazem valer a grandeza daqueles que já possuem a força e a resistência física necessárias ao trabalho, “compondo uma ética do corpo no trabalho característica da primeira metade do século XX” (p. 82). É essa ética corporal que elege os principais antimodelos do trabalhador viril: as crianças, os adolescentes, as mulheres e os intelectuais (p. 83). Eles dão os motivos para a elaboração dos rótulos que sinalizam a fraqueza ou o desajeito. Por essa razão os “desafios” (p. 88) que ocorrem entre os operários no seu cotidiano e as “piadas” (p. 92) dirigidas aos companheiros formam um “jogo de espelhos” (p. 92) que cimenta uma pedagogia baseada no elogio à resistência física e na humilhação, no caso de sua ausência.

Em Intimidade, as análises versam sobre a “impregnação” (p. 100), a “mistura” (p. 110), enfim, sobre a porosidade de fronteiras pessoais e coletivas sustentadas no corpo trabalhador. É destacado que os trabalhadores se veem transformando-se no objeto com que trabalham, nas substâncias com as quais trabalham, incorporando, literalmente, os resíduos de seu ofício, que os distinguem como pertencentes a um ou a outro posto, produzindo um “efeito social durável” (p. 115), incrustado nas “dobras da pele” (p. 114). Além dessa mistura, Pillon nota a proximidade dos trabalhadores com os odores do suor, do vômito, da urina, das fezes dos companheiros, bem como com o sangue, a dor e o sofrimento visíveis nos acidentes e no consequente socorro. Por outro lado, essa “proximidade de corpos” (p. 119), que ocorre também nos olhares furtivamente cruzados que se trocam no vestiário (p. 124), leva a uma “reapropriação do corpo” (p. 125) através de uma convivência sexual. Ela é ora mais implícita e indireta, como aquela que ocorre por meio de tapinhas e beliscões que eles e elas se dão nas nádegas ou mesmo nos órgãos sexuais; ora explicitamente, como nas cenas de masturbação coletiva (p. 128), na exibição do órgão sexual (p. 129), em que a excitação sexual “tanto em palavras como em gestos, faz do outro a testemunha de uma certa humanidade resistente” (p. 129).

No quinto capítulo, cujo título é Desgastes (Usures), a vulnerabilidade do corpo perante as “proporções gigantescas das máquinas” (p. 131) mostra-se como um tema recorrente nos relatos operários estudados por Pillon. Lemos a lembrança e a reflexão sobre os acidentes sofridos ou testemunhados. Se, comumente, as mãos são assumidas como um dos distintivos da humanidade do homem, são elas as que primeiro sofrem: perfurações, pequenas ou grandes amputações, geram gritos, gemidos, ou mesmo a morte imediata, eventos que, muitas vezes, não são imediatamente percebidos nem mesmo pelos mais próximos, devido ao barulho ensurdecedor das máquinas que “não param [...] sua vida própria” (p. 141). Menos mortal, mas também impactante na memória corporal do trabalhador, é a fadiga. Sejam as fadigas extremas que levam os trabalhadores a sucumbirem, ou o cansaço cotidiano no fim do dia, o esgotamento é algo “familiar aos operários de todos os setores e todas as épocas” (p. 144).

No último capítulo, Pillon relata existir nos depoimentos por ele estudados uma dimensão onírica do trabalho. Intitulado Sonhos (Rêves), nele o autor verifica um “contraponto do trabalho” (p. 165) em que o corpo também se afirma. É estudada não apenas a presença do trabalho nas horas de sono profundo em casa, como também “persistências da fábrica” (p. 181), mas essa presença também é focada nos momentos de “liberdade” proporcionados pelo ritmo, pela cadência da máquina. Isso faz com que, na divagação, “os gestos recuperem uma consciência, uma fluência, uma inteligência para além do seu mero fim prático” (p. 167). Exemplos de maquinistas de trem, que “se perdem” ou “misturam-se” à paisagem que encontram na rota (p. 168), alternam-se com situações em que ao devaneio sucedem-se amargas lembranças das “violências do metal” (p. 171). Os prazeres de uma conversa na madrugada silenciosa (p. 175), o sono e a luta contra ele (p. 176) colocam o trabalho como uma situação em que se “misturam sonho e realidade” (p. 179) durante as 24 horas do dia. Com efeito, aqui também os devaneios de “conotação sexual” (p. 175) ou um dedo decepado são resultantes da “experiência hipnótica que descrevem os operários na linha de produção” (p. 179).

Para concluir *Le Corps à l'ouvrage*, Pillon volta a sublinhar a importância do campo empírico por ele escolhido, afirmando que as possibilidades abertas pela “palavra operária” (p. 183) são numerosas. Ele insiste na relevância de uma voz que acompanha a formação e a transformação dos trabalhadores e da experiência do trabalho, uma voz que, mesmo sem falar diretamente no corpo, ao não abstrair-se da espessura cotidiana do trabalho, afirma a relevância corporal nessas experiências, o que faz do corpo elemento fundamental para a reflexão a respeito delas.

Do ponto de vista temático, o livro em tela insere-se em um conjunto de obras que têm buscado pensar a dialética corpo/trabalho: Deleule e Guery (1972), Rabinbach (1992), Böhle e Milkau (1998), Hassard, Holliday e Willmott (2000) e Wolkowitz (2006). No Brasil, esse valor materializa-se em um artigo de Alves (2005) e no livro de Baptista (2013). Deve ser sublinhado, porém, que, principalmente a partir da década de 1970, a consideração de um “trabalho inteligente” e que teria superado o “trabalho corporal” tem impedido uma atenção maior a essas problemáticas (HEROLD JUNIOR, 2009). Isso faz com que trabalho e corpo sejam, comumente, temas de grande valor na atualidade, desde que assumidos de forma desconectada entre si, como se uma dimensão não tivesse nada a dizer sobre a outra. Eagleton (1998) critica essa situação afirmando que no mundo contemporâneo “Se o corpo libidinoso está *in*, o corpo laborioso está *out*” (p. 74). Ao seguirmos as reflexões de Pillon, poderia ser inferido que o sociólogo

francês afirmaria que os dois corpos estão sempre *in*, concordando com a crítica de Eagleton à matriz analítica que separa corpo e trabalho, por separar inteligência, prazer e trabalho.

No que tange à postura metodológica da análise de Pillon, vale observar que *Le corps à l'ouvrage* toca em uma dissensão importante que divide o conjunto de estudos sobre o trabalho acima listados: ou abordar o trabalho enquanto dimensão histórica e social de longa duração e de característica política; ou abordá-lo *in loco*, em ação, focalizando as especificidades subjetivas da atividade laboral em execução. Nesse debate, Pillon esmera-se pela apreensão da particularidade em cada depoimento, o que dá ao texto, em muitos momentos, um tom de uma mera mas organizada e fluente colagem do material empírico. Pillon se exime em deixar falar, em longas e frequentes citações, a “voz operária” que lhe é tão cara. Por outro lado, o manuseio desses relatos, que cobrem um recorte temporal bastante extenso, permite ao sociólogo construir generalizações muito interessantes, sendo que parte delas foi utilizada para formar a apresentação de cada um de seus capítulos nesta resenha. Com isso, metodologicamente, Pillon consegue oferecer uma importante colaboração para mostrar que a opção entre o geral e o específico, no que tange ao corpo no trabalho, não é uma escolha inexorável. Ao focar o corpo da forma que faz, Pillon, talvez sem ambicionar isso, vai ao encontro de uma importante consideração, feita dez anos antes, por outro teórico que oferece bases importantes para pensarmos a relação corpo e trabalho:

[...] toda vida humana [...] é atravessada de história. Mas, quando se trata do trabalho, se isto é verdade também, não se trata de uma “pequena história”, de uma história marcada pelo acaso das vidas individuais: nenhuma situação humana, sem dúvida, concentra, “carrega” com ela tantos sedimentos, condensações, marcas de debates da história humana das sociedades humanas elas mesmas quanto as situações de trabalho: os conhecimentos acionados, os sistemas produtivos, as tecnologias utilizadas, as formas de organização, os procedimentos escolhidos, os valores de uso selecionados e, por detrás, as relações sociais que se entrelaçam e opõem os homens entre si, tudo isto cristaliza produtos da história anterior e dos povos. (SCHWARTZ, 2003, p. 23)

Nesse ínterim, *Le corps à l'ouvrage* dá sua atenção para “as relações que entrelaçam e opõem os homens entre si”. Porém, da mesma forma que o sociólogo escuta o corpo na “voz operária” que não fala diretamente dessa dimensão, podemos ler no que Pillon escreve sobre o corpo e o trabalho as “marcas de debates da história humana” ou as cristalizações da “história anterior e dos povos”. Ao se perceber isso com uma leitura atenta, a obra pode se tornar um apoio relevante para todos aqueles que pensam o corpo nos seus aspectos filosóficos, sociais, históricos e pedagógicos.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Giovanni. Trabalho, corpo e subjetividade: toyotismo e formas de precariedade no capitalismo global. **Trabalho, Educação e Saúde**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, p. 409-428, 2005.
- BAPTISTA, Tadeu João Ribeiro. **A educação do corpo na sociedade do capital**. Curitiba: Appris, 2013.
- BÖHLE, Fritz; MILKAU, Brigit. **De la manivelle à l'écran: l'évolution de l'expérience sensible des ouvriers lors des changements technologiques**. Paris: Editions Eyrolles, 1998.

DELEULE, Didier; GUÉRY, François. **Le corps productif**. Paris: Mainson Mame, 1972.

HASSARD, John; HOLLIDAY, Ruth; WILLMOTT, Hugh. (Eds.). **Body and organization**. London: Sage, 2000.

EAGLETON, Terry. **As ilusões do pós-modernismo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

HEROLD JUNIOR, Carlos. Corpo, inteligência e as transformações no mundo do trabalho: reflexões a partir da mediação dos saberes Tácitos, **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 30, n. 107, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-73302009000200011&script=sci_arttext>. Acesso em: 25 abr. 2014.

PILLON, Thierry. **Le corps à l'ouvrage**. Paris: Stock, 2012.

PILLON, Thierry *et al.* **Sociologie du travail**. Paris: Montchrestien, 2000.

PILLON, Thierry. *et al.* **Traité de sociologie du travail**. Toulouse: Octarès Éditions, 2003.

PILLON, Thierry. (Org.). **Sociologie empirique, sociologie critique**: autour de Claude Durant. Toulouse: Octarès, 2007a.

PILLON, Thierry. ; VIGARELLO, Georges. (Org.). Corps et techniques. **Communications**, Paris, n. 81, 2007b.

RABINBACH, Anson. **The human motor**: energy, fatigue, and the origins of modernity. Berkeley: University of California Press, 1992.

SCHWARTZ, Yves. Trabalho e saber. **Trabalho e Educação**, Belo Horizonte, v. 12, n. 1, p. 21-34, 2003.

VIGARELLO, Georges; CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques. **História da virilidade**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2013.

WOLKOWITZ, Carol. **Bodies at work**. London: Sage, 2006.